



1

Foto 1 – Carlo Antonio Fornasini, pioneiro da presença italiana em Moçambique.

Nasce em Bolonha em 1805; foge da Legação pontifícia para Portugal. Depois de ter vivido por algum tempo no Porto, embarca para África, aonde chega em 1830, aportando na Ilha de Moçambique, cidade capital.

Vive depois toda a sua vida em Inhambane, onde vem a morrer em 1868. Foi comerciante, naturalista e político, tendo-se tornado um dos homens mais ilustres daquela cidade.

Pelos seus méritos, foi-lhe conferida a condecoração da Ordem de Cristo de Portugal.

2

Foto 2 – João Albasini, nasce em Lisboa em 1812.

Seu pai, António, transfere-se para a capital portuguesa no início do século XIX, proveniente (muito provavelmente) dos vales tridentinos. Pai e filho chegam a Lourenço Marques em 1831.

Comerciante de Marfim e ouro, João Albasini viveu em Moçambique e no Transvaal (onde foi Cônsul para Portugal). Tornou-se bastante famoso pela amabilidade com a qual vivia lado-a-lado com as populações nativas africanas.





3



4

Foto 4 – O arquitecto Pietro Buffa-Bucellato, siciliano de *Castellamare del Golfo*. Chegou a Beira em 1899, proveniente do Egipto. Com o irmão Giuseppe, foi um importante empresário na área da construção civil em Lourenço Marques.

Foto 3 – Bianca Vanzini Marini (“Bianca das mãos de ouro”). Originária de Bolonha, foi a primeira mulher europeia a fixar a sua residência em Lourenço Marques (1874), onde se tornou uma célebre jogadora de *Baccarà*.

Foto 5 – Suplemento publicitário do quiosque dos irmãos Sorgentini (originários de Porto Recanati) na centralíssima Praça Mouzinho de Albuquerque nos primeiros anos do século XX.

5





6

Foto 6 – O “Teatro Varietà” na Rua Araújo. Inaugurado em 1912 em Lourenço Marques, foi o primeiro teatro da cidade. A sua edificação deve-se totalmente à obra e ao engenho dos irmãos Pietro e Giuseppe Buffa-Buccellato, que trouxeram da Itália quase todo o material necessário para a construção.



7

Foto 7 – Nino d’Intino. Era o operador cinematográfico do Varietà.



8



9



10

Foto 8 – O tenor romano Bruno Sarti. No início dos anos vinte do século XX, junto com outros músicos e cantores italianos, animava as noites de Lourenço Marques exibindo-se no Varietà.

Foto 9 – Luigi Del Re, membro de uma das famílias italiana mais antigas em Moçambique. Seu pai, Giuseppe, era sócio de Nino d’Intino na gestão do teatro Varietà.

Foto 10 – Alfredo Manna, desembarcado em Lourenço Marques em 1917, Professor de piano, graduado pelo conservatório de Nápoles, tocava música de fundo no Varietà durante a projecção de películas cinematográficas mudas.

Cavallari & Miglietti
FABRICA JOLANDA
 de GELO, AGUAS MINERAES e de XAROPES
 Vastos frigorificos para carnes, peixe,
 manteiga, etc.

Avenida Paiva Manso
P. O. BOX 228
LOURENÇO MARQUES

11

Foto 11 – Anúncio publicitário da fábrica “Jolanda” em 1914, propriedade dos italianos Giuseppe Cavallari e Giuseppe Miglietti, instalada na Av. Paiva Manso em Lourenço Marques. A primeira marca de cerveja moçambicana (“A Nacional”) sairá desta fábrica alguns anos mais tarde, por mérito de Giuseppe Cavallari!



Foto 12 – O Hotel Cardoso, situado na então Av. Miguel Bombarda, como se apresentava nos anos vinte do século XX. Em 1924, ano em que a família Sorgentini se tornou proprietária do Hotel, era apenas uma pequena e confortável pensão de Lourenço Marques.

Foto 13 – O Hotel Cardoso hoje, um dos mais belos hotéis de Maputo. Até 1990, por mais de 65 anos consecutivos, esta estrutura hoteleira foi gerida pela família Sorgentini.



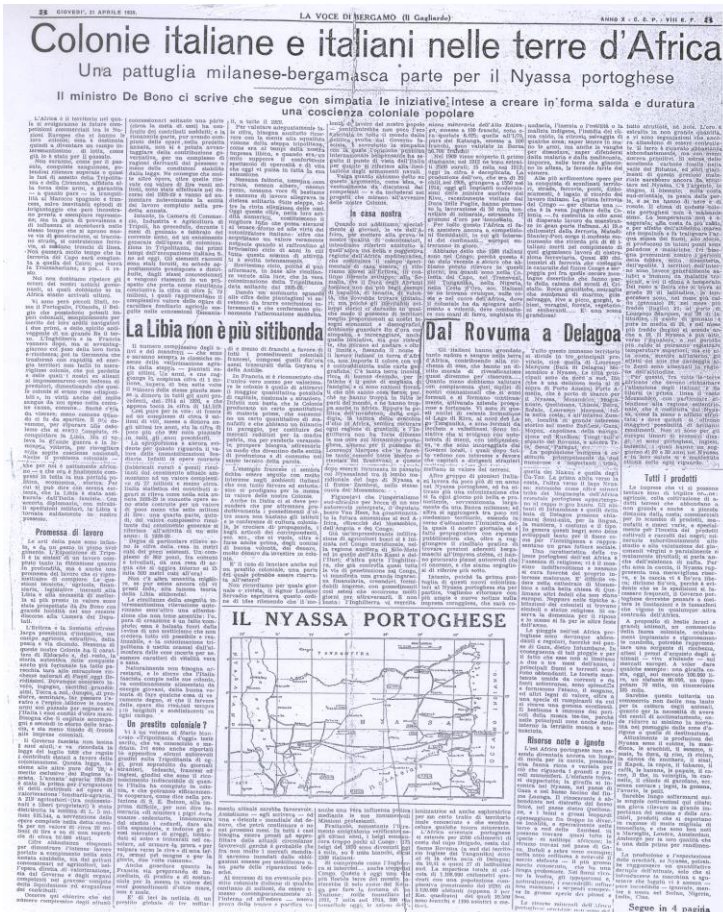


Foto 14 – Um artigo publicado em “La Voce di Bergamo” de 31 de Abril de 1930. Fala de uma delegação de empresários lombardos em expedição pelo Niassa português. Entre os anos vinte e trinta do século XX, este grupo de milaneses e de habitantes de Bergamo – fazendo exploração agrícola no distrito de Cabo Delgado – dará vida em Porto Amélia à terceira comunidade italiana em Moçambique, depois de Lourenço Marques e Beira.

Foto 15 – O Hotel Savoy da Beira, propriedade de Giuseppe De Martini, no início do século XX, quando era o mais prestigiado hotel da então capital da Companhia de Moçambique, Beira.



15



16



17

Foto 16 – Primeiro grupo dos padres da Consolata que chegaram a Beira a 30 de Outubro de 1925, provenientes do Quénia. Da esquerda: frei G. Benedetto, padre V. Sandrone, padre P. Calandri., padre L. Perlo (permaneceu missionário em Nairobi) e padre Giulio Peyrani.

Foto 17 – Padre Giuseppe Amiotti (I.m.c) fotografado à entrada da primeira missão católica italiana em Moçambique (Mandimba 1926).



Foto 18 – Mandimba 1926. Padre Giuseppe Amiotti, o primeiro à direita, com Pietro Regina. Com eles os filhos de Regina e uma mulher indígena. Atrás deles, a primeira igreja católica construída no Niassa português.



19

Foto 19 – O paquete italiano *Gerusalemme* (primeiro à esquerda), de Lloyd Triestino, ancorado ao largo de Lourenço Marques. O *Gerusalemme*, com uma tripulação de 171 italianos, esteve refugiado nas águas territoriais portuguesas por três anos e meio (de 11 de Junho de 1940 aos começos de Novembro de 1943). Os outros dois navios que se vêem ao lado do *Gerusalemme* são o *Dortmund* e o *Aller*, com bandeiras do terceiro Reich.



20

Foto 20 – Membros da tripulação do *Gerusalemme*. Reconhecem-se Angelo Riccesi e Domenico Giuricin (em cima), Marino Ferrari (no centro) e Guglielmo Rocco (em baixo). Este grupo de refugiados de guerra italianos (da “família branca” do navio triestino) obteve a permissão para trabalhar no Hotel Polana em Lourenço Marques, até ao fim da segunda Grande Guerra.



21

Foto 21 – O capitão Fabio Veronese, terceiro oficial do *Gerusalemme*, que permaneceu em Moçambique depois de 1945. Aqui está sentado na varanda da casa da herdade de que foi feitor nos arredores de Inhambane.

A 28 de Novembro de 1942, a 180 milhas a sudeste de Lourenço Marques, o navio britânico *Nova Scotia* foi torpedeado por um submarino alemão: tinha a bordo cerca de 700 prisioneiros de guerra (na maior parte civis) italianos, embarcados no porto de Massua, na Eritreia, e levados a Durban, de onde seriam destinados para os campos de concentração nas colónias britânicas fronteiriças com Moçambique. Do naufrágio salvaram-se 119 italianos. Muitos deles, com o fim da guerra, decidiram residir em Moçambique.



22



23

Foto 22 – Uma das balsas do navio *Nova Scotia*, cheia de sobreviventes, fotografada por um marinheiro do Afonso de Albuquerque, o aviso português que resgatou os náufragos depois de dois dias e duas noites passadas no mar.

Foto 23 – O momento da chegada do Afonso de Albuquerque ao cais do porto de Lourenço Marques, a 1 de Dezembro de 1942.



Foto 24 – um grupo de sobreviventes do *Nova Scotia*, poucas horas depois do salvamento, fotografados no cais do porto de Lourenço Marques. O segundo à direita, todo vestido de branco, é o jornalista Carlo Dominione: contou a sua história nas colunas da “Domenica del Corriere”, em 1962.

24

Foto 25 – O grupo dos sobreviventes do *Nova Scotia* que foram internados no Hospital Miguel Bombarda de Lourenço Marques, imediatamente depois da chegada ao porto. Aqui foram fotografados em grupo no pátio do hospital, antes de o deixarem definitivamente.



25



26

Foto 26 – O engenheiro Vitale Moffa, náufrago do *Nova Scotia*. No segundo pós-guerra foi um dos italianos mais conhecidos na capital moçambicana, onde abriu um estúdio de projectos para construção civil. Foi um incansável animador do grupo dos italianos que ficaram em Moçambique depois da segunda Grande Guerra e à sua iniciativa se deve a criação da associação de italianos, a “Casa de Itália”, de que foi o primeiro presidente em 1950.

27

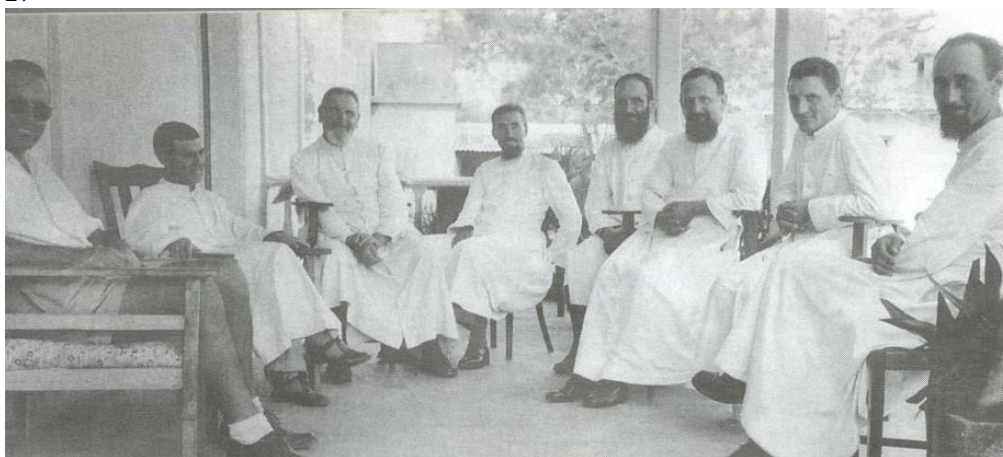


Foto 27 – O primeiro grupo de missionários combonianos em Mossuril, em 1949, na varanda da casa da missão. Da esquerda: o Sr. Tainaro, os padres Selis, Zambonardi, Caselli, Nannetti, Todesco (em visita, vindo da Itália), Peloso e De Girolamo.



28

Foto 28 — Padre Giovanni Zani em Lunga, em 1954, enquanto visita a escola de Ampoense. A motocicleta era um meio de transporte muito usado pelos missionários da época.



29

Foto 29 – O Governador Geral de Moçambique, Eduardo Arantes de Oliveira, visita a escola de artes e ofícios dos combonianos em Carapira, em 1971. As escolas profissionais fundadas pelos missionários constituíam por vezes a única possibilidade para jovens indígenas de aprender um ofício.

Foto 30 – Padre Francesco De Ruschi scj (irmão de padre Agostino, pioneiro das missões dehonianas) com os jovens da banda “Sagrado Coração de Jesus”. Os missionários italianos, para além da evangelização, dedicaram sempre muita importância ao ensino de artes e ofícios.

30



31



Foto 31 – Frei Vittorio Maiocchi scj. Aqui fotografado enquanto trabalhava numa loja de tecidos numa das missões dehonianas da alta Zambézia.



32
Foto 32 – O grupo dos missionários capuchinhos de Trento chegados a Moçambique em 1947. O segundo da esquerda, de pé, é padre Gabriele de Merano, então o mais jovem do grupo, ainda missionário presentemente em Moçambique. Sentado ao centro, padre Gabriele de Casotto, a quem se deve o início da missão capuchinha em Moçambique.

33



34



Foto 33 – Um momento de repouso e relaxamento dos capuchinhos de Pulha em Morrumbala, em 1960. Reconhece-se, com a filarmónica nas mãos, padre Prosperino de Montescaglioso.

Foto 34 – O capuchinho frei Leonardo de Margherita de Savoia orienta os trabalhos para a construção da escola primária de Mopeia, em 1963.



35

Foto 35 – Padre Prosperino de Montescaglioso, falecido em 2004. Aqui fotografado na época em que era superior da missão de Morrumbala, na baixa Zambézia, enquanto leva a salvo duas crianças depois de um ataque dos guerrilheiros à missão. Nos últimos anos da sua vida, criou a União Geral das Cooperativas (UGC). Deixou uma vivíssima memória de si entre a comunidade italiana e entre os moçambicanos.



36



37

Foto 36 – Um convívio nocturno na “Casa de Itália”, nos inícios dos anos sessenta. Em primeiro plano “Ludo” Ughetto, pugilista refugiado em Moçambique durante a Segunda Grande Guerra; continuou a combater nos anos quarenta em Lourenço Marques.

Foto 37 – Sami Coen, originário do Dodecaneso, chegou a Beira em 1940. Fotografado nos escritórios da sua fábrica (“Mozambo”), que produzia e exportava parquet para todo o mundo.



38

Foto 38 – Giovanni de' principi Corsini, numa fotografia publicada em “La Domenica del Corriere” de 31 de Março de 1970, em que está disfarçado de *Captain Dickson*. Camuflado de oficial do exército britânico, entre Fevereiro e Março de 1943 Giovanni Corsini foi protagonista, com outros 4 companheiros de prisão, de uma arriscada fuga de um campo de concentração inglês no Quênia. Percorrendo cerca de três mil quilómetros, encontrou refúgio em Moçambique, onde se demorou até Fevereiro de 1976, tendo-se tornado um importante empresário.



39

Foto 39 – Giovanni Di Bernardo foi fundador e director da *Empresa Química de Moçambique*, uma das primeiríssimas fábricas químicas de Lourenço Marques. Ele também se viu por acaso em Moçambique, chegando como refugiado de guerra em Maio de 1944, fugido de Zonderwater.



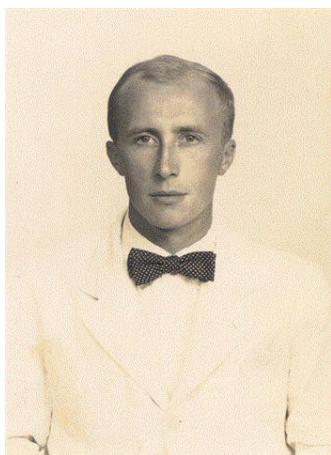
40



41

Foto 40 – Tullio Cianetti, à direita, recebe o diploma de cidadão honorário de Bela Vista. Está-se a 13 de Setembro de 1972. Chegado a Moçambique em 1948, o ex-Ministro de Mussolini viveu na colónia portuguesa até à sua morte, em 1976. Em Salamanga, circunscricção de Bela Vista, nas margens do rio Maputo, ele dedicou-se à indústria e à agricultura, fundando a *Sociedade Industrial do Maputo, Limitada* com outros sócios, entre os quais a família Lazzi de Florença.

Foto 41 – Gli stabilimenti della Foto 41 – As instalações da *Sociedade Industrial do Maputo*, hoje, em estado de total abandono. Era uma notabilíssima fábrica de cal, que utilizava o rio Maputo como principal meio de transporte para fazer chegar o produto a Lourenço Marques.



42



43

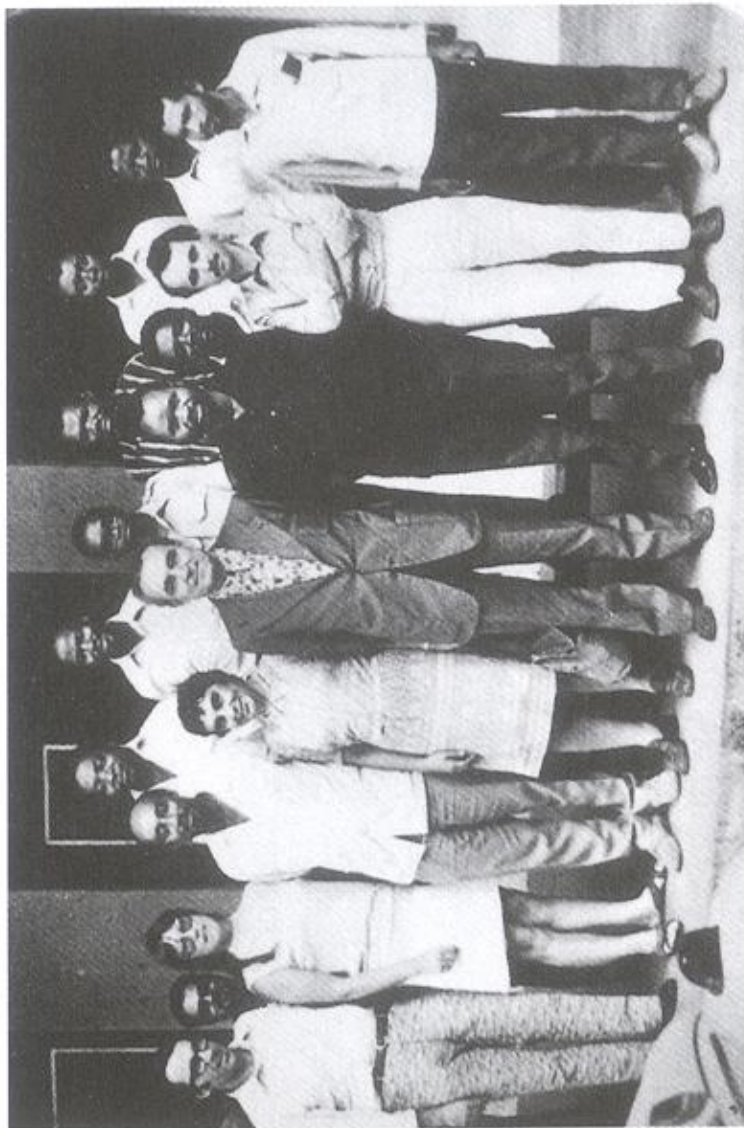
Foto 42 – O conde Carlo Emanuele Gani. Transferiu-se para Moçambique no início dos anos cinquenta com a mulher. A família da sua mulher, os Corte de Turim, tinha comprado uma empresa agrícola (Quinta Mouzinho) na circunscção de Sábiè, que Gani dirigiu excelentemente durante toda a sua permanência em Moçambique.

Foto 43 – “*I cinque di Roma*” aqui retratados na capa do seu primeiro *long-playing*. O grupo exibia-se no Hotel Polana de Lourenço Marques, nos anos sessenta, com um repertório de música italiana; era uma das principais atrações da capital moçambicana.

44

Foto 44 – O stand da Intersomer na Facim de 1964. Podem reconhecer-se Piero Cattana, primeiro da esquerda, director da Intersomer, e a seu lado o então Cônsul Geral da Itália, Lucchetti. A Intersomer, junto com a Italmo, era a maior importadora de produtos italianos de Moçambique, nos anos sessenta.





45

Foto 45 – Uma delegação de Reggio Emilia chefiada por Giuseppe Soncini visita as zonas libertadas de Cabo Delgado, em Agosto de 1972. Faziam parte da delegação Lanfranco Turci, assessor para a Saúde da região Emilia-Romagna, Angelo Pisi, Marina Mussu, Franco Cigarini e Claudio Poeta. Para além de Samora Machel e Marcelino dos Santos, na primeira fila entre os amigos de Reggio Emilia, reconhecem-se na fila de trás Joaquim Alberto Chissano, segundo à esquerda, e Armando Emílio Guebuza, último à direita